

Décalages

Volume 1 | Issue 4

Article 15

6-1-2015

Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes

Michel Pêcheux

Follow this and additional works at: <https://scholar.oxy.edu/decalages>

Recommended Citation

Pêcheux, Michel (2014) "Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes," *Décalages*: Vol. 1: Iss. 4.
Available at: <https://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>

This Pecheux Dossier is brought to you for free and open access by OxyScholar. It has been accepted for inclusion in *Décalages* by an authorized editor of OxyScholar. For more information, please contact cdla@oxy.edu.

Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes¹

Michel Pêcheux

Tradução de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira

Estas reflexões têm sua origem no texto de L. Althusser, "Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado", redigido em 1969 e publicado em alemão, na coleção *Positionen*², que suponho ser do conhecimento dos leitores.

Eu já havia tido, em 1975, a oportunidade de desenvolver, a partir desse estudo, certas perspectivas teóricas, às quais aqui farei explicitamente referência³, tanto para expor aos leitores alemães as posições às quais eu continuo me subscrevendo, quanto para formular algumas retificações críticas, concernentes essencialmente a certos efeitos "teoricistas". Veremos que este trabalho conduz a uma reavaliação das relações entre a teoria marxista e o que se convencionou chamar de ideologia proletária, no interior do conjunto do processo revolucionário, do qual a luta ideológica de classes é um elemento.

Convém, por outro lado, enfatizar que as duas referências teóricas do presente estudo, a saber, o materialismo histórico e a teoria freudiana do inconsciente, não devem ser concebidas nem como elementos estritamente exteriores um ao outro, nem como aspectos pura e simplesmente confundidos numa impossível "síntese" teórica que os englobaria. Nos esforçamos, sobretudo, em tirar partido de alusões recíprocas, circulando entre essas duas referências fundamentais e conjugando seus efeitos com relação ao problema da ideologia, acima de tudo pelas "soluções" que aí se encontram imediatamente invalidadas.

De fato:

- levar a sério a referência ao materialismo histórico significa reconhecer o primado da luta de classes em relação à existência das próprias classes e isso

¹ N. T. Este texto foi publicado em alemão como "Zu rebelieren und zu Denken wagen! Ideologien, Widerstände, Klassenkampf" En *KultuRRevolution*, 1984, n° 5 pp. 61-65 y 1984, n° 5, pp. 63-66, trad. de Peter Schöttler. Tradução portuguesa de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira.

² Althusser, L. *Ideologie und ideologische Staatsapparate*. Positionen 3, VSA, Hamburg und Westberlin, 1977.

³ Pêcheux, M. *Les vérités de La Palice*. Maspero, Paris, 1975.

ocasiona, no que diz respeito ao problema da ideologia, a impossibilidade de toda uma análise diferencial (de natureza sociológica ou psicossociológica), que atribui a cada "grupo social" *sua* ideologia, antes que as ideologias entrem em conflito, visando assegurar a dominação de umas sobre as outras. Isso conduz, por outro lado, a interrogar a noção de *ideologia dominada* (constantemente identificada a um segundo mundo ideológico subterrâneo, reflexo difuso, imperfeito e caricatural do primeiro) para dela determinar as características sob o primado da luta de classes;

- levar a sério a referência ao conceito psicanalítico de inconsciente significa reconhecer o primado do inconsciente sobre a consciência e isso implica, sempre com relação à ideologia, a impossibilidade de toda uma concepção psicologista, que coloca em cena uma consciência (mesmo uma "consciência de classe" própria deste ou daquele "grupo social") que, a partir de um estado inicial de "alienação", ora caminhará por si mesma, por autoexplicitação, em direção à sua própria transparência, ora receberá do exterior as condições de sua "libertação". Conceber os processos ideológicos sob a forma de um tal trajeto pedagógico, auto ou heterodeterminado, é simplesmente rejeitar, na prática, as consequências do materialismo freudiano.

Não é exagero dizer que todos os campos de jogos político-ideológicos, recobertos pela questão da ideologia e da luta ideológica de classes, ficam suspensos à posição adotada em relação a esse duplo primado: nós teremos mais de uma vez a oportunidade de constatar isso.

I. SOBRE O DUPLO CARÁTER DOS PROCESSOS IDEOLÓGICOS

Sabemos que o ponto de partida da reflexão de L. Althusser, no estudo citado no início, consiste em interrogar a metáfora espacial base/superestrutura, pela qual os clássicos do marxismo apreenderam a natureza do conjunto Estado + Ideologia, através de fórmulas célebres, tais como:

- a base (econômica) determina a superestrutura "em última instância";
- a superestrutura dispõe de uma "autonomia relativa" em relação à base;
- há uma "ação de retorno" da superestrutura sobre a base.

Vamos supor, aqui, que são do conhecimento dos leitores as noções de Aparelho de Estado e de Poder de Estado, bem como a distinção introduzida por Althusser entre Aparelho Repressivo de Estado (no singular) e Aparelhos Ideológicos de Estado (no plural). Iremos, então, imediatamente, ao essencial, lembrando que, para aprofundar a descrição metafórica dos processos ideológicos e começar a formular seu *conceito*, Althusser

estabelece "partir da reprodução", de se colocar sob o ponto de vista das condições superestruturais da reprodução da base econômica.

Ora, colocar-se "sob o ponto de vista da reprodução" no primado da luta de classes é, necessariamente, colocar-se, *ao mesmo tempo*, sob o ponto de vista de quem se opõe a essa reprodução, sob o ponto de vista da resistência a essa reprodução e da tendência revolucionária à transformação das relações de produção. Althusser tem sido constantemente criticado por ter, neste caso, subestimado esse segundo aspecto e há quem não hesite em acusá-lo de ter, assim, "se esquecido da luta de classes", sob o pretexto de que, na verdade, é a análise do processo de assujeitamento ideológico, implicado na reprodução, que se encontra em primeiro plano nesse estudo. Veremos, mais tarde, porque essa relação é totalmente injustificada e a qual desvio filosófico necessário responde aqui a empreitada de Althusser, tendo em conta, precisamente, o primado da luta de classes.

Mas, contentemo-nos, por ora, em marcar com o termo "reprodução/trans formação" o caráter nodalmente contraditório de *todo modo de produção que repousa numa divisão em classes, isto é, cujo "princípio" é a luta de classes*. Isso significa que a luta de classes atravessa o modo de produção no seu conjunto e que, no que concerne à esfera da ideologia, a luta de classes *passa pelos AIE*, sem que seja possível localizar, a priori, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que toma parte em sua transformação.

Somos, assim, conduzidos a esclarecer os seguintes pontos⁴:

1 - A Ideologia não se reproduz na forma geral de um *Zeitgeist* (espírito do tempo, "mentalidade" de uma época, "hábitos de pensamento" etc.) que se imporia de maneira igual e homogênea à sociedade, considerada como um espaço anterior à luta de classes: "Os AIE não são a realização da Ideologia em geral ...".

2 - " ... nem mesmo a realização sem conflitos da ideologia da classe dominante", o que significa que é impossível atribuir a *cada classe sua ideologia*, como se cada uma vivesse "antes da luta de classes" no seu próprio campo, com suas próprias condições de existência, suas instituições, seus "hábitos" e "mentalidade" específicos, o que viria a conceber a luta de classes como o encontro de dois mundos distintos preexistentes - esse encontro, sendo seguido pela vitória da classe "mais forte" que imporia, então, sua ideologia à outra. Isso seria, finalmente, multiplicar por dois a concepção da Ideologia como *Zeitgeist*.

⁴ Essa passagem retoma, essencialmente, as análises apresentadas em 1975, em *Les Vérités de la Palice*, p. 128-131.

3 - " A ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu ..." o que significa que os AIE não são a expressão da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante (deus sabe de onde a ideologia dominante tomaria, então, a sua supremacia!), mas eles são o *lugar* e o *meio* de sua realização: " ... é pelo estabelecimento dos AIE, onde essa ideologia (a ideologia da classe dominante) é realizada e se realiza, que ela se torna dominante ..." .

4 - Mas, os AIE não são, por outro lado, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: " ... esse estabelecimento (dos AIE) não se faz sozinho, ele é, ao contrário, o palco de uma difícil e ininterrupta luta de classes..." , o que significa que os AIE constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). *De onde a expressão "reprodução/transformação" que empregamos.*

Podemos, agora, dar um passo adiante no estudo das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, dizendo que essas condições contraditórias são constituídas num momento histórico dado e por uma formação social dada, *pelo conjunto complexo dos AIE* que essa formação social comporta. Dizemos bem, conjunto *complexo*, isto é, com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus "elementos" e não uma simples lista de elementos. De fato, seria absurdo pensar que, numa dada conjuntura, *todos os AIE contribuam de maneira igual* para a reprodução das relações de produção e para sua transformação. Na verdade, suas propriedades "regionais" - sua especialização implícita na religião, no conhecimento, na política etc. - condicionam sua importância relativa (a desigualdade de suas relações), no interior do conjunto dos AIE, e isso em função do estado da luta de classes na formação social considerada.

Compreendemos, portanto, porque, em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de "*formações ideológicas*" (referidas nos AIE) que, ao mesmo tempo, possuem um caráter "regional" e comportam posições de classe. Os "objetos" ideológicos e a "maneira de se servir deles" são sempre fornecidos ao mesmo tempo - seus "sentidos", isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe à qual eles servem - o que podemos comentar, dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia. É dizer que não há na luta ideológica (tampouco nas outras formas da luta de classes) "posições de classes", *existindo abstratamente*, que se *aplicariam, em seguida*, aos diferentes "objetos" ideológicos regionais de situações concretas, na Escola, na Família etc. É aqui, de fato, que se dá o nó contraditório entre reprodução

e transformação das relações de produção, no nível ideológico, na medida em que não são os "objetos" ideológicos regionais tomados um a um, mas o próprio corte em região (Deus, a Moral, a Lei, a Justiça, a Família, o Saber etc.) e as relações de *desigualdade-subordinação* entre essas regiões, que constituem o palco da *luta ideológica de classes*.

A dominação da ideologia (de classes) dominante, que se caracteriza, no nível ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção "levam-na" à sua transformação (se opõe a ela, freia-a ou a impede, conforme o caso), corresponde, então, menos à *manutenção do idêntico* de cada "região" ideológica, considerada nela mesma, do que à reprodução das relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões (com seus "objetos" e as práticas nas quais elas se inscrevem⁵). É por essa razão que L. Althusser pôde avançar a tese, aparentemente escandalosa, segundo a qual o conjunto dos AIE da formação social capitalista conteria, também, os *sindicatos* e os *partidos políticos* (sem mais detalhes; de fato, ele não designaria por aí outra coisa senão a função *atribuída* aos partidos políticos e aos sindicatos no interior do complexo dos AIE, *sob a dominação da ideologia (da classe) dominante*, a saber: a função subordinada, mas inevitável e, como tal, "necessária", pela qual a classe dominante garante o "contato" e o "diálogo" com o adversário de classe, isto é, o proletariado e seus aliados, função com a qual uma organização proletária não pode evidentemente *coincidir* como tal.).

Compreendemos melhor, nesse exemplo, como as relações de desigualdade-subordinação entre os diferentes AIE (e as regiões, objetos e práticas que lhes correspondem) constituem, como dizíamos, o palco da luta ideológica de classes. O aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção reside, então, antes de tudo, na luta para impor, no interior do complexo dos AIE, *novas relações de desigualdade-subordinação*⁶ (o que se encontra, por exemplo, expresso na palavra de ordem "colocar a política no posto de comando"), resultando numa transformação do *conjunto* do "complexo dos AIE", na sua relação com o aparelho de Estado e uma transformação do próprio aparelho de Estado.

⁵ " A unidade entre os diferentes AIE é assegurada, na maior parte do tempo, sob formas contraditórias, pela ideologia dominante, a da classe dominante". Althusser, op.cit. p. 117.

⁶ Por uma transformação dessas subordinações na luta de classes: por exemplo, por uma transformação de relação entre *a escola* e *a política*, relação que, no modo de produção capitalista, é uma *relação de disjunção* (denegação ou simulação), fundada no lugar "natural" da escola entre a família e a produção econômica.

Como muito bem expressou E. Balibar⁷, essa transformação não consiste somente no processo revolucionário, que leva do capitalismo ao socialismo, em substituir um novo Aparelho de Estado (proletário) pelo aparelho de Estado da burguesia capitalista, mas também, e sobretudo, substituir-lhe "outra coisa que não um Aparelho de Estado", qualquer coisa da ordem de um "não-Estado". Voltaremos mais adiante às consequências desse ponto crucial, com relação à questão da ideologia proletária.

Podemos resumir o que precede, na unidade dividida das duas teses seguintes:

a - em todo modo de produção regido pela luta de classes, a ideologia (da classe) dominante domina as duas classes antagônicas.

b - a luta de classes é o motor da história, incluindo a história da luta ideológica de classes.

Essas duas teses podem, à primeira vista, parecer contraditórias, do mesmo modo que o estado que existe de fato está em contradição com a revolução. Não há senão entre essas duas teses uma "falsa contradição", induzida por uma concepção errônea da *ideologia dominada*. O proletariado, de fato, não pertence a um outro mundo, exterior à burguesia capitalista, e que conteria, como um germe independente, sua *própria ideologia*, portanto, uma essência ideológica certamente dificultada, reprimida, dominada, mas, contudo, pronta para sair armada como Atenas e dominar, por sua vez, o dia esperado. Aí está uma falsa concepção da ideologia dominada. Não se trata, na realidade, somente de uma dominação externa, constituindo, se assim podemos dizer, uma tampa burguesa na marmita das tendências revolucionárias, mas também, e sobretudo, de uma dominação interna, isto é, de uma dominação que se manifesta pela própria organização interna da ideologia dominada, próprio das relações de produção capitalistas: pois, a burguesia e o proletariado são formados e organizados *juntos* no modo de produção capitalista, sob a dominação da burguesia e, em particular, da ideologia burguesa.

Isso significa, simultaneamente, que o processo histórico, pelo qual a ideologia dominada tende a se organizar "sobre sua própria base", enquanto ideologia proletária, permanece, paradoxalmente, no contato com a ideologia burguesa, precisamente na medida em que ele tende a realizar sua destruição.

⁷ La Rectification du "Manifeste Communiste". In: Cinq Etudes du Matérialisme Historique. Paris: Maspero, 1974, p.74.

É necessário, então, pensar, no que tange à ideologia, sobre a *contradição de dois mundos num só*, já que, segundo Marx, "O novo nasce do antigo", o que Lênin reformulou, dizendo "Um se divide em dois".

Isso vem conceber toda uma contradição como necessariamente desigual⁸, o que, no que concerne à ideologia, se traduz pelo fato de que os AIE são, *por natureza, plurais*. Eles não formam, acabamos de dizer, um bloco ou uma lista homogênea, mas combinam seu *caráter regional* e seu *caráter de classe* de tal forma que suas características regionais (sua especialização) contribuem desigualmente para os desenvolvimentos da luta ideológica entre as duas classes antagônicas e intervêm desigualmente na reprodução/transformação das relações de produção. O duplo caráter dos processos ideológicos (caráter regional e caráter de classe) permite compreender como as formações ideológicas se referem aos "objetos" (como a Liberdade, a Justiça etc.), ao mesmo tempo *idênticos e diferentes*, isto é, cuja unidade está submetida a uma divisão: o próprio da luta ideológica de classes é se desenvolver *num* mundo que, de fato, não termina nunca de se *dividir em dois*.

II. INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA E LUTA DE CLASSES

Certas ilusões têm vida difícil: por exemplo, a ilusão de que a reprodução das relações de produção capitalistas seria um puro e simples efeito de inércia, não necessitando, em si mesma, de nenhuma explicação ...

Todo o artigo de Althusser visa contra-atacar essa ilusão, explicitando o processo de assujeitamento ideológico indispensável a essa reprodução. Esse ponto se condensa na tese segundo a qual "a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos".

Sem retrair aqui os diferentes momentos dessa análise, à qual o leitor pode, facilmente, se reportar, nós sublinharemos que o singular da expressão "a Ideologia" designa, aqui, para contrastar com o plural dos AIE e com as formações ideológicas, o caráter omni-histórico do efeito de interpelação, que Althusser aproxima alusivamente do caráter eterno do inconsciente freudiano.

É interessante aprofundar essa aproximação, explicitando a relação sujeito/Sujeito constitutivo da interpelação ideológica. O sujeito ideológico se desdobra em *um sujeito singular*, tomado na evidência empírica de sua

⁸ Esse tópico está desenvolvido no texto de Althusser, intitulado "Soutenance d'Amiens", publicado na coleção *Positions*, Paris, Editions Sociales, 1976, em particular, p. 148-149.

identidade ("este sou eu!") e de seu lugar ("é verdade, eu estou aqui, trabalhador, patrão, soldado!") e num *Sujeito universal*, Grande Sujeito que, sob a forma de Deus, ou da Justiça, ou da Moral, ou do Saber etc., veicula a evidência de que "é assim", sempre e em toda parte, e que é mesmo assim.

Tentei, no já citado texto de 1975, caracterizar as diferentes modalidades desse desdobramento, distinguindo, na interpelação ideológica, os efeitos de identificação, de contraidentificação e de desidentificação.

A *identificação* caracteriza a modalidade na qual o desdobramento sujeito/Sujeito se realiza numa coincidência: o sujeito coincide com o Sujeito, o indivíduo interpelado em sujeito se assujeita livremente ao Sujeito e "caminha sozinho", conforme a expressão de Althusser, reconhecendo o estado de coisas existente (das Bestehende), com a convicção de que "é bem verdade que ele é assim e não de outro jeito"). Quando da eclosão da primeira Guerra Mundial, por exemplo, a grande maioria dos sujeitos franceses "caminhou sozinho". *A França* está ameaçada/ somos *todos* franceses/ *é* a guerra! - uma cadeia de evidências da ordem do fato realizado, cunhadas e articuladas em diversas constatações e injunções carregadas de evidências pré-construídas inculcadas ("Um soldado francês não recua.", "De pé, os mortos!" etc).

Assim se realiza a identificação de cada sujeito francês em Sujeito-França: "A França entra em guerra", como anunciavam os jornais da época, e como o repetem, ainda hoje, os manuais de História. E, *da mesma forma*, "A Alemanha", "A Rússia" etc. "entravam em guerra" ... Que assim seja!

Mas, permanecendo no exemplo da primeira Guerra Mundial, a história nos ensina também que, em certas circunstâncias, "isso não caminhou sozinho", porque, de lugar para lugar, sob o efeito da luta de classes, a coincidência sujeito/Sujeito veio a se romper, de maneira que alguns "maus sujeitos" manifestaram uma série de rejeições, inversões e revoltas, necessitando, às vezes, da intervenção de uma ou outra instância especializada do Aparelho Repressivo do Estado (a polícia militar, por exemplo).

Introduzi, assim, o termo *contraidentificação* para caracterizar esse processo ideológico de não-coincidência, no qual as evidências empíricas singulares se separam da evidência universal. Por exemplo, a evidência republicano-burguesa, segundo a qual "os franceses são iguais perante a guerra", encontra-se tomada literalmente e retorna, num funcionamento espontâneo da ideologia dominada do proletariado trabalhador e camponês, por essa outra evidência, cruelmente absurda, mas plena de sentidos, que faz com que "sejam sempre os mesmos que são mortos" e que, voltando à

ideologia da Igualdade, tomada literalmente, formou a base do *pacifismo* na França e, também, na Alemanha, na Rússia etc.

Mas, o paradoxo do processo ideológico pacifista ("Abaixo a guerra! Viva a paz!"), que atravessava a ação dos partidos socialistas alemães, franceses e russos *contra a guerra* é, o sabemos, ter, primeiramente, conduzido cada um desses partidos a tomar seu lugar na União Sagrada, votando os créditos de guerra, em nome da defesa da paz e contra a política de anexações, de forma que a ideologia espontânea do pacifismo aí se encontrava, imediatamente, subordinada à ideologia dominante burguesa (a evidência fatal da guerra). Como se a inversão da contraidentificação permanecesse presa àquilo a que se opunha e reproduzisse em definitivo o mesmo assujeitamento ...

Qual é, diante dessa situação, a especificidade da prática leninista, que surge em outubro de 1917? Lênin se consagra a uma enorme tarefa de explicação e de organização da luta do proletariado, no quadro de um "novo tipo de prática política", visando *trabalhar* ideológica e politicamente⁹ as massas influenciadas pelo "social-chauvinismo" da IIª Internacional. Ora, no processo ideológico que ela implementa, essa prática manifesta uma *ruptura*, tendendo a escapar, ao mesmo tempo, dos efeitos da identificação ideológica e dos efeitos, em retorno, da contraidentificação. Lênin não cessa de repetir que o cerne do problema reside na ligação entre social-chauvinismo e oportunismo, ligação que repousa na evidência ideológica da oposição-disjunção entre *guerra e paz*, resultando, por sua vez, na oposição *entre a luta pelo socialismo no quadro nacional* (em tempos de paz) e *a luta entre nações* (num estado de guerra, que força silenciar a luta pelo socialismo).

O cerne do problema é, portanto, a própria concepção da luta de classes e sua relação com o "quadro" do Estado e da Nação. Assim, a prática leninista não se contenta em *voltar* com as evidências impostas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado: retomando e desenvolvendo certas intuições de Marx e Engels, o leninismo compromete-se em despedaçar noções como as de "direito igual", de "Estado livre", de "partilha equitativa" etc., mostrando que essas noções pressupõem sua solução no exato momento em que são colocadas as questões que elas evocam, ao dissimular que a

⁹ A expressão "bearbaiten" é o lugar de uma dificuldade crucial para o movimento operário. Deixando-se levar por essa expressão, podemos, com efeito, chegar a uma concepção manipuladora do trabalho político, concebido como pura e simples agitação destinada a fazer passar, por todos os meios da propaganda, "ideias justas" preexistentes na cabeça dos dirigentes, em seu "chefe". Lênin tinha uma concepção bem diferente da origem das ideias justas: trabalhar as massas é, primeiro, fazer (lassen) trabalhar, fazer agir as contradições que as atravessam. Lenin beschäftigte sich mit den Massen weil die Massen ihn auch dauernd beschäftigt haben: unbewusste Arbeit des Widerspruchs in der leninistischen Praktik.

verdadeira base da solução é, na realidade, incompatível com aquela da questão. O "direito igual", o "Estado livre", a "partilha equitativa" ... são tão inconcebíveis quanto a famosa *faca sem lâmina, à qual falta o cabo* (o exemplo poderia ser de Marx ou de Lênin, mas é de Freud).

Para especificar esse efeito de ruptura ideológica (distinto da literalidade e da inversão da contraidentificação), que integra o efeito da prática revolucionária proletária e a teoria marxista, propus o termo *desidentificação* como terceira modalidade ideológica, afetando a relação sujeito/Sujeito. Não se trata, de maneira alguma, de uma "síntese" do tipo hegeliana que vem reconciliar dois momentos anteriores concebidos como a afirmação (identificação) e a negação (contraidentificação). Também não se trata de uma impossível dessubjetivação do sujeito, mas de uma transformação da *forma-sujeito* sob o efeito desse acontecimento sem precedente na história, que constitui a fusão tendencial das práticas revolucionárias do movimento operário com a *teoria* científica da luta de classes.

Mas, uma grave dificuldade apresentou-se aqui, implicada no que Althusser caracterizou pelo termo de "teoricismo". Como conceber a ruptura transformadora que afeta, assim, a forma-sujeito na prática proletária, tomada na História como "processo sem sujeito nem fim", sem *fundamentar*, em definitivo, essa ruptura no *fato teórico*, pelo qual o sujeito se encontra ausente como tal de todo discurso científico? Como evitar, então, uma subordinação da prática política à teoria, na qual a exterioridade teórica dos conceitos da ciência da história apareceriam, finalmente, como a *causa* da ruptura ideológica proletária¹⁰?

O primado prático da luta de classes impõe, então, recusar, a qualquer preço, uma concepção do processo ideológico da desidentificação, que faria dele um certo modo de trajeto do tipo platônico, um percurso teórico que passa, à imagem do mito da Caverna,

1) pelo mecanismo ideológico da interpelação-assujeitamento;

¹⁰ As posições desenvolvidas nesse ponto, em 1975, em *Les Vérités de La Palice*, trazem a marca dessa dificuldade. Diante do sujeito completo, identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portadora da evidência que diz a cada um "sou eu!" e lhe fornece o sentido evidente de seus atos, palavras e pensamentos, *Les Vérités de La Palice* apoiava-se, essencialmente, numa exterioridade radical da teoria marxista-leninista (suposta "fora da ideologia"), que determina a possibilidade de um tipo de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias, nas quais esse sujeito é tomado ... Assim, se desenhava, apesar de todas as minhas precauções teóricas, um estranho sujeito materialista, que efetua "a apropriação subjetiva da política proletária", um paradoxal sujeito da prática política proletária, cuja simetria tendencial com o sujeito da prática política burguesa não era questionada. A exterioridade teoricista se desdobrava, assim, de um pedagogismo invertido.

2) pelo apagamento ("esquecimento") de todo traço localizável desse mecanismo no sujeito pleno-de-sentidos, que aí se encontra produzido como causa de si;

3) pelo domínio teórico, dito mecanismo, conquistado por recordação, através de um tipo de reminiscência que tem a aparência (mas a aparência somente ...) da prática marxista-leninista.

Isso significa que não é tão simples acabar com a concepção pedagógica da luta ideológica, pois essa concepção marca profundamente as formas pelas quais o movimento operário, desde sua existência, apoderou-se de sua própria história. Ela constitui um efeito de retorno da ideologia burguesa ao próprio interior das ideologias do movimento operário, de maneira que a política proletária está perpetuamente apta a se cerrar no dilema do quietismo (a ideia de que, do próprio interior do movimento operário, o tempo e a experiência trabalham automaticamente para a revolução) e do salto voluntarista (a ideia de que, no movimento operário, é necessário importar do exterior a teoria revolucionária, para "colocá-lo nos trilhos"). Sob essa dupla figura auto ou heteropedagógica, a história do movimento operário e a prática proletária tomam, assim, a forma de um *trajeto* que religa um ponto de partida (as ideologias dominadas do modo de produção capitalista) a um ponto de chegada ou fim estratégico (a ideologia "científica" própria da sociedade sem classe do modo de produção comunista: "chegamos, todo mundo desce!", como dizia, ironicamente, Lênin). É, em grande parte, com base nisso, que se propôs pensar a resistência ao capitalismo, a revolta contra ele e a organização revolucionária que pretende revertê-lo. O proletariado em luta visa, "por sua vez", se apossar do poder de Estado, desenvolvendo todas as alianças ideológicas e políticas necessárias, mas sem instaurar nova dominação sobre qualquer classe que seja, uma vez que ele é a última classe explorada da história humana, já que toda dominação repousa sobre uma exploração e a perpetua: estranho Estado proletário que desaparece, se conseguir fazer o que diz... No papel, as coisas parecem simples, mas essa transformação do Estado proletário (que, tal como um gordo personagem brechtiano, grita, hoje, com um suficiente "estou prestes a definhar!") representa, na realidade, um estranho trajeto ...

Como não ver que, hoje, sob a figura desse trajeto, as explicações razoáveis, claras e evidentes (a "tomada de consciência", as "lições da experiência", a "penetração das ideias", o "progresso das mentalidades" e até "a prova da prática") acabaram por marcar o lugar de uma longa patinação teórica e prática, tomada numa imensa contraidentificação? Quanto mais

estamos na ideologia do trajeto, mais permanecemos no lugar! E, aí também, "isso caminha sozinho"...em círculo!

Nós nos propusemos mostrar, na base do "desvio filosófico" efetuado por Althusser, em quais condições o processo ideológico desidentificador da revolução proletária *trabalha*, colocando em questão, no entanto, essa ideologia pedagógica do trajeto.

III - RESISTÊNCIA, REVOLTA E TENDÊNCIA REVOLUCIONÁRIA NA IDEOLOGIA

A repetição ideológica do trajeto-em-círculo marca, dizíamos, o ponto onde a ideologia dominante burguesa (apoiada em algo muito mais antigo do que a burguesia, formado no século XIII europeu, com o Estado de Direito¹¹) garante, do seu interior, o domínio sobre as lutas do movimento operário, através das diferentes formas, nas quais ela propõe, generosamente, às ideologias dominadas de se reconhecerem. São essencialmente duas:

- *o vazio de toda ideologia dominada*, sob o pretexto de que não haveria "na realidade" nada de exterior ao poder do Mestre¹², à sua Lei e à sua Ordem, de modo que o Grande Sujeito perverso do capitalismo manipularia até mesmo aqueles que têm a ilusão de se revoltar (a revolta é, então, marginal e reforça a Ordem).

- ou então, *a repetição do mundo do Mestre num segundo mundo subordinado*, desvalorizado e folclórico. A ideologia burguesa suporta muito bem a existência das ideologias dominadas como peças de museu de práticas e de concepções do mundo, graus, variantes e diferenças enfileiradas

¹¹ "Em meados do século XIII francês, sob o reinado de Luís IX (chamado São Luís), o governo real e a administração monárquica começam a se afirmar e reforçam o seu aparelho. Um dos elementos decisivos desse reforço reside numa nova utilização do Direito. É, nessa época, que aparecem aqueles que a história conhece pelo nome de *Legisladores*, que, diante do povo e face aos outros poderes (o Império no exterior do reino e os feudais no interior), tomam a tarefa de justificar o *Estado monárquico centralizado*, de fundamentar no direito a sua legitimidade. Por serem, ao mesmo tempo, teólogos, juristas e propagandistas políticos, os legisladores já estão no Estado de Direito.

¹² "esta posição está desenvolvida, em particular, pelos defensores da "nova filosofia", que colocaram em voga o tema do Mestre, através de uma exploração política das teses de Jacques Lacan sobre o "discurso do mestre", discurso da consciência que domina, confrontado ao do Universitário, ao da Histeria... e do Analista, que se recusa, por princípio, a toda legislação. Uma certa concepção da dialética hegeliana vem, também, se enxertar nesse tema e desemboca na "descoberta" de que a revolução é impossível. O sexo, o trabalho, as ciências, a linguagem, a vida dos homens... tudo está sempre "na bota" do Mestre, calculador onipresente e onipotente. (Jacques Lacan desenvolveu sua tese dos "quatro discursos" em "O inverso da psicanálise" (seminário de 1970, inédito). Encontraremos uma esclarecedora discussão dessa questão no livro de E. Roudinesco, *Pour une politique de la Psychanalyse*, Maspéro, 1977, p. 46 e seguintes).

desordenadamente no Conservatório Social e Democrático da vida popular. O sindicalismo e as greves com o belote¹³ e o pernod¹⁴, a política com o tiercé¹⁵.....É de fato um assunto inesgotável para todos os zoólogos da classe operária e das massas populares!

Toda essa miscelânea da representação burguesa das ideologias dominadas visa sustentar a mesma questão da ideologia burguesa endereçada a esse segundo mundo, enquanto metáfora paródica e irrisória do primeiro: "Você não pretende ainda governar com *isso*? Você não está, apesar de tudo, mais feliz assim no seu mundo?"

Disso, resulta todo o resto: se a classe operária e as massas populares vêm perguntar sobre o poder do Estado, a ideologia burguesa fará de tudo para trazê-las de volta ao quietismo do museu-conservatório: "Vocês são apenas crianças! Vocês quebrariam tudo! Cada um no seu lugar, no seu mundo, o capitalismo para todos e as vacas serão bem guardadas!"

E se, apesar de tudo, os explorados persistirem em sua pretensão política de mudar *de* mundo, modificando *o* mundo, a resposta está, mais uma vez, pronta: isso surge, necessariamente, dos maus espíritos que, vindos do exterior, "subiram à cabeça" dos explorados para manipular sua revolta contra a ordem existente do Mestre, visando se instalar no lugar deste, pois o Mestre só pode ser, "evidentemente", desalojado por um adversário simétrico que repete a sua imagem, invertida: "De qualquer maneira, isso não mudará nada para vocês". O cerco é assim fechado na concepção burguesa da ideologia dominada e vemos como a série de relações entre interior/exterior, prática/teoria, quietismo/voluntarismo e guerra de posição/guerra de movimento constitui aí uma maquinaria de dilemas, destinada a repelir por todos os meios a possibilidade da revolução proletária. Face às ideologias dominadas, a burguesia tem suas respostas, constatadas todos os dias, que se adaptam à relação de força...

¹³ N.T. O belote é um jogo de cartas que envolve quatro jogadores e 32 cartas. Os quatro jogadores são divididos em duas equipes de dois elementos, de sorte que os membros de uma mesma equipe ficam de frente um para o outro, tendo à sua direita e à sua esquerda cada um dos jogadores adversários. É um jogo de contrato, no sentido de que cada equipe procura fazer o maior número de pontos possível mais que o adversário e cujas falhas são severamente penalizadas.

¹⁴ N.T. Pernod é uma famosa destilaria francesa, dentro e fora da França, fundada no início do século XIX, e que fabrica e distribui diversas modalidades de bebidas alcóolicas.

¹⁵ N.T. O tiercé é um tipo original de aposta em corridas de cavalos, praticado em pares mútuos, no qual o apostador é convidado a prever os três cavalos que chegarão na frente dos demais, seja na ordem vencedora ou em uma ordem diferente.

Compreendemos, ao mesmo tempo, um pouco melhor *no quê* patina a resistência, a revolta e a tendência revolucionária das ideologias dominadas e *em quê* a ilusão pedagógica de um trajeto destinado a se estar fora (pela "tomada de consciência", pelas "lições das experiências" etc.) só faz redobrar esse patinar, enquanto que a questão da *dominação ideológica* permanece intacta: longe de possuir sua própria resposta, o proletariado patina, aqui, nas "respostas" da ideologia dominante burguesa.

Sustento que é nesse ponto, em muitos aspectos, insuportável, que as teses de Althusser sobre os AIE pretenderam tocar no marxismo-leninismo, correndo o risco de ir aos extremos para tentar se desprender desse patinar, desse trajeto suspenso pelo qual "se avança" indefinidamente sem que nada jamais se mova. O artigo dos AIE visa, num desvio filosófico imposto pela luta de classes, *desapossar o marxismo-leninismo de suas respostas*, em princípio, privá-lo delas pela maneira mais radical e é propriamente aí o que ele tem de imperdoável aos olhos de alguns.

No entanto, ao dizer que os sujeitos "caminham sozinhos", Althusser dava a esse fenômeno singular do caminhar imóvel uma oportunidade de trabalhar no marxismo-leninismo, ele dava ao marxismo-leninismo uma oportunidade de sair de seu sonambulismo, nesse ponto ... Na realidade, através de uma série de teses concernentes à ideologia dominante, na sua relação com o Poder do Estado e com o Aparelho de Estado, Althusser levava aqueles que se reconhecem no marxismo e no leninismo a "retomar as coisas de outra forma" sobre a questão das ideologias dominadas e da ideologia proletária. Ao mostrar que a ideologia dominante é parte integrante do Aparelho estatal de dominação da classe que detém o poder, Althusser retirava toda possibilidade de esquiva ou de escape num fora-de-lugar qualquer (fora-de-classe ou fora-de-ideologia). Não há outra saída a não ser a luta das classes dominadas contra essa dominação e essa luta não possui um início assinalável, porque ela não é outra coisa senão *a própria história dessas classes*, tomadas em seu antagonismo, desde o momento de sua formação até o do seu desaparecimento.

Assim, a ideologia dominada não pode ser pura e simplesmente "a ideologia da classe dominada", simétrica à ideologia dominante: precisamos falar de *ideologias dominadas, no plural*, já que só pode haver aí *uma única ideologia dominante*, em um momento histórico dado. É precisamente nisso que a questão da ideologia vem se colocar à do Estado: a existência das ideologias dominadas é indissociável das contradições inscritas na dominação ideológica da classe dominante, que marcamos aqui através da seguinte tese: *a ideologia dominante jamais domina sem contradição*.

É, então, nesse exato momento, quando a ideologia dominante se apresenta sob o aspecto eternitário, irrefutavelmente completo, de um círculo encantado, no qual os sujeitos "caminham sozinhos" fora da luta de classes, que a classe dominante conduz sua própria luta ideológica de classe ao grau máximo e toca o impossível de um fim da luta de classes, onde a dominação ideológica teria evacuado toda contradição. O artigo de Althusser sobre os AIE toma exatamente por objeto esse *ponto de realização impossível*, não a fim de se fazer compreender ao "exagerar" essa dominação, mas para tentar reconduzir a reflexão marxista sob o primado da luta de classes, livrando o marxismo de um mundo-anterior, onde ele estaria, *a priori e inexpugnavelmente em casa*.

Simultaneamente, as alusões de Althusser ao caráter eterno do inconsciente (a repetição) e, também, o cuidado que ele toma em sublinhar a impossibilidade para um marxista de se apoiar nessas questões das concepções pré-freudianas do sonho (como pura nulidade ou como miscelânea resultante dos "restos diurnos") visam, por esse outro viés, no qual o sonho, o lapso e o ato falho constituem uma série, o *mesmo ponto do impossível*. Tomar até o final a interpelação ideológica como um ritual, supõe reconhecer que não é um ritual sem falha, falta e rachadura: "uma palavra por outra" é a definição da metáfora, mas é também o ponto onde um ritual ideológico vem se quebrar no lapso (não faltam exemplos na cerimônia religiosa, no procedimento jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político).

Dito de outra forma, a ideologia toca o inconsciente pelo viés do impossível. O lapso e o ato falho marcam o impossível de uma dominação ideológica fora de toda contradição. A série dos efeitos aqui resumidos pelas figuras do lapso e do ato falho infecta, assim, sem parar, toda a ideologia dominante, no próprio interior das práticas, nas quais tende a se realizar. Toda sorte de juramentos e de blasfêmias que vêm à boca dos crentes, sem que eles se apercebam disso, e contra a sua vontade, os acessos que surgem num ritual no momento em que nele não se espera outra coisa, os equívocos que explodem, de repente, por detrás da frase ou o gesto mais sagrado, tudo isso tem algo de muito preciso a ver com o ponto sempre-já-lá, a origem imaginária da resistência e da revolta, sem que haja a necessidade, para isso, de se ir procurar em outro mundo ou num mundo-preexistente. As ideologias dominadas não se formam em nenhum outro lugar a não ser na própria localização da dominação, nela e contra ela, através das falhas e dos tropeços que a afetam incontornavelmente, mesmo quando a dominação se estende ao ponto "em que *aí* nada se pode fazer", porque "*isso é assim*".

Restam o *aí* e o *isso* que retornarão sob uma forma imprevisível nas falhas da interpelação¹⁶.

Retraçar as formas de aparência fugidias de algo "de uma outra ordem", vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em cheque a ideologia dominante, tirando partido de seu tropeço, isto é, retraçar o sucesso do lapso, do ato falho, do equívoco e da ambivalência nas falhas da interpretação, do ritual, da ordem ideológica, não supõe que se faça, de agora em diante, do inconsciente a *fonte* das ideologias dominadas, após ter renunciado a fazer dele o motor superego da ideologia dominante. A ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento, nem com a repressão, mas a ideologia não pode ser pensada sem referência ao registro inconsciente. O lapso, o ato falho etc. constituem, enquanto quebras e fragmentos de rituais, as matérias-primas da luta ideológica das classes dominadas, na medida exata em que o círculo-ritual da interpelação ideológica é a matéria-prima da dominação ideológica. E a ordem do teórico não escapa de maneira alguma a essa regra: as formas embrionárias de uma nova problemática residem frequentemente no aparecimento de uma incongruência de pensamento (resultado de um lapso ou de um chiste), formando enigma, e que começa a perturbar a ordem existente dos conhecimentos, em um ponto determinado: de alguma forma, uma revolta teórica ao estado nascente.

Conceber, assim, uma ciência (por exemplo, o materialismo histórico) como o prolongamento de uma revolta teórica, tomada na história das ideologias dominadas, se autoriza do primado analítico do inconsciente, através do qual *o pensamento teórico é ele, também, fundamentalmente inconsciente*. É, ainda, reconhecer, sob o primado da luta de classes, como o status da teoria marxista se determina a partir da luta ideológica e política do proletariado. O que se designa ao falar da "natureza científica" da ideologia

¹⁶ Esse *ponto de realização impossível* do assujeitamento "perfeito" no interior do *processo de trabalho*, imposto pelo modo de produção capitalista, surge nessas poucas linhas retiradas do texto autobiográfico de um militante intelectual, contratado por um ano como 052 numa das fábricas Citroën da região parisiense. Ele fala do trabalho em cadeia: "E se disséssemos que nada tem nenhuma importância, que basta habituar-se a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, num tempo sempre idêntico, não aspirando nada mais do que a perfeição plácida da máquina? Tentação da morte. Mas a vida se rebela e resiste. O organismo resiste. Os músculos resistem. Os nervos resistem. Alguma coisa no corpo e na cabeça se escora contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que recai num contratempo, um passo mais lento, uma baforada de irregularidade, um falso movimento, a "remontagem", a "moldagem", a tática do posto, tudo isso para quê, nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia, que é o posto de trabalho, há ainda acontecimentos, mesmo minúsculos, há ainda um tempo, mesmo que monstruosamente esticado. Essa imperícia, esse deslocamento supérfluo, essa aceleração repentina, essa solda desperdiçada, essa mão que aí retoma duas vezes, essa careta, esse "desprendimento", é a vida que se agarra. Tudo aquilo que, em cada um dos homens da cadeia, uiva silenciosamente: "Eu não sou uma máquina!". Linhart, R., L'établi. Paris: Editions de Minuit, 1978, p. 14.

proletária é um efeito e não uma causa de sua singularidade revolucionária, frágil, inacabada e constantemente questionada na própria revolução.

Concluiremos esse ponto, sublinhando que não há *um* mundo da ideologia dominante, unificado sob a forma de um "fato consumado", nem *dois* universos ideológicos opostos como o sinal + e o sinal -, mas um único mundo que não cessa jamais de se dividir em dois. Toda a ideologia dominante, irremediavelmente infectada, trabalha assim, constantemente, para reforçar suas defesas sobre seus pontos de fragilidade, falhas e fraturas, que são também pontos de formação das ideologias dominadas. Ela é o lugar de uma incessante remodelação para ocupar, previamente, esses pontos ou reapropriar-se deles pelas concessões necessárias, reconhecendo às ideologias dominadas um espaço regulamentado por limites, de maneira que as ideologias dominadas experienciem a dominação, antes de tudo, no interior delas mesmas e não como um obstáculo puramente exterior. Na transição para o capitalismo, esse processo de unificação/divisão toma formas novas, combinando a interpelação ideológica e a violência repressiva, segundo modalidades de assujeitamento, de individualização e de normalização, que M. Foucault, magistralmente, empreendeu em elucidar e descrever. Demonstrando pacientemente os múltiplos meios pelos quais se aperfeiçoaram, ao longo dos séculos, o adestramento e a arregimentação dos indivíduos, os dispositivos materiais que lhes asseguram o funcionamento e as disciplinas que lhes codificam o exercício, Foucault traz uma contribuição importante para as lutas revolucionárias de nosso tempo. Mas, ele recobre, ao mesmo tempo, o que ele descobre, ao tornar propriamente inapreensíveis os pontos de resistência e as bases da revolta das classes dominadas. Podemos formular a hipótese de que esse recobrimento reside na forclusão conjunta do marxismo, talvez, e sobretudo, da psicanálise no pensamento de Foucault, ocasionando a impossibilidade de operar uma distinção coerente e consequente entre os processos de assujeitamento material dos indivíduos humanos e os procedimentos de domesticação animal. Há em Foucault um biologismo larval, de forma bakuniana, que ele compartilha em todo desconhecimento de causa com diversas correntes do funcionalismo e que torna, com efeito, a revolta estritamente impensável, uma vez que, contrariamente ao título do romance de G. Orwell, não poderia haver a "revolução dos bichos", tampouco poderia haver a extorsão de sobretrabalho ou de linguagem, no que ele convencionou chamar de reino animal.

Se, na história da humanidade, a revolta é contemporânea à extorsão do sobretrabalho, é porque a luta de classes é o motor dessa história.

E se, sobre um outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se apoia numa divisão do sujeito, inscrito no simbólico.

A especificidade dessas duas descobertas interdita fundi-las em qualquer que seja a teoria, mesmo que seja uma teoria da revolta. Mas, é preciso admitir que elas têm politicamente alguma coisa a ver uma com a outra, ao constatar o preço que se paga e, não somente em Foucault, sua comum forclusão: esse preço é a incapacidade de pensar a resistência e a revolta ideológicas de outra maneira senão sob a forma de errâncias marginais - exceto a colocação, o que é ainda pior, de um impossível sujeito-pleno-de-revolta, figura simétrica que reproduz, de forma negativa, o bom sujeito que caminha sozinho.

IV - ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A IDEOLOGIA PROLETÁRIA

Nós havíamos mencionado, com relação à transformação-destruição do aparelho de Estado burguês, o estudo de E. Balibar sobre *a retificação do "Manifesto Comunista"*¹⁷, anunciando que a ele voltaríamos, após o desvio dos pontos I e II. Balibar aborda, com efeito, a questão da *analogia*, do *paralelismo* entre revolução burguesa e revolução proletária, citando, a respeito dela, o *Manifesto*:

" ... as armas das quais a burguesia se serviu para abater a feudalidade, se voltam, hoje, contra a própria burguesia ..."

e constata:

" ... *essa analogia é bastante formal*, ela possui apenas uma função transitória e pedagógica, comportando seu próprio risco de induzir ao erro. De fato, nessa analogia, não há um paralelismo ou uma simetria, mas uma *oposição* e uma *dessimetria* completas. Particularmente, enquanto a burguesia conquista historicamente o poder político, forçando, primeiramente, a feudalidade a lhe abrir caminho no aparelho de Estado feudal, por seu lado (é a interpretação que, no *Manifesto*, Marx e Engels já davam à Monarquia Absolutista), ele, o proletariado, não pode jamais

¹⁷ Nesse estudo, E. Balibar compromete-se a interrogar as modalidades através das quais a experiência revolucionária da Comuna de Paris repercutiu sobre certas teses do Manifesto, levando Marx a começar suas "retificações" na direção que retomará Lênin.

controlar o aparelho de Estado existente, além de, sob o domínio da burguesia, não poder ter aí, progressivamente, um lugar.

”Paradoxalmente, o *Manifesto*, sem a sua correção, podia conduzir à ideia de um *Estado burguês* ("a burguesia organizada como classe dominante") e de um *Estado proletário* ("o proletariado organizado como classe dominante"), distintos, de fato, opostos nas suas bases sociais e nas políticas que eles seguem, mas tendo um *princípio* (uma definição geral, uma essência) *comum*: a *simples* "organização em classe dominante".

”Ora, vemos que a burguesia, ao contrário, "se organiza como classe dominante" *somente* ao desenvolver o aparelho de Estado. E que o proletariado "se organiza como classe dominante *somente* ao fazer surgir, ao lado do aparelho de Estado, e contra ele, formas de prática e de organização políticas totalmente diferentes. Portanto, na realidade, destruindo o aparelho de Estado existente e substituindo-o, não simplesmente por um outro aparelho, mas *pelo conjunto de um outro aparelho de Estado e algo mais do que um aparelho de Estado.*”

A singularidade da revolução proletária (seu caráter "totalmente outro", estrangeiro, sem relação com o estado de coisas existente) não se sustenta por uma impossível exterioridade do teórico, mas, acima de tudo, por uma singularidade prática inscrita no próprio interior da tendência revolucionária ao comunismo, concernente ao Estado. As noções "estratégicas" de *literalidade* e do *retorno* tomadas na analogia, o paralelismo e a simetria manifestam, aqui, seus limites. A política proletária não pode se fechar na contra-identificação, sem arriscar desaparecer pura e simplesmente como tal, tornando-se o que Balibar chama de um "artifício pedagógico". O próprio da revolução proletária é justamente atacar o que foi contornado, revertido, retornado, apropriado e conservado pelas outras revoluções e, acima de tudo, pela revolução burguesa, isto é, atacar a forma-Estado e os processos ideológicos da interpelação-identificação-assujeitamento que aí se inscrevem constitutivamente.

Se aceitamos designar pelo termo "des-identificação" o que, no processo da revolução proletária, constitui a *forma ideológica da tendência ao não-Estado*, podemos dizer que o aparelho de Estado proletário, enquanto ele mesmo essa realidade contraditória, tendendo "não só a se perpetuar e a se reforçar, mas também a definir progressivamente, em razão de sua forma" (E. Balibar), funciona ideologicamente à des-identificação e ataca, por aí, os processos de divisão-representação-delegação que fundam o Estado de direito. Esse ponto é determinante na revolução proletária, enquanto democracia revolucionária de massa, pois as massas são

precisamente *irrepresentáveis*¹⁸. Contrariamente ao corpo místico do Cristo, contrariamente ao corpo do Rei, contrariamente ao corpo do Estado popular burguês, as massas escapam à ordem da representação, porque elas não constituem *um* corpo. Assim, a revolução proletária perturba necessariamente a representação da sociedade como *corpo social* e, simultaneamente, afeta os AIE no seu próprio funcionamento, isto é, na combinação contraditória que se realiza entre seu caráter regional e seu caráter de classe. O próprio da ideologia dominante feudal e burguesa é que os interesses de classe (feudo-monarquistas, depois capitalistas) nela se realizam e se unificam, através da disjunção regional organizada dos AIE. O caráter de classe se mascara, assim, por detrás do caráter regional e se realiza, nessa mesma máscara, sob a forma dos interesses orgânicos do *corpo da sociedade*.

A ideologia proletária apresenta essa singularidade de tender a estabelecer o primado político da luta de classes sobre os caracteres regionais inscritos na funcionalidade dos AIE: isso implica que a prática ideológica proletária é, enquanto tal, des-regionalizante. Particularmente, ela desregionaliza a política, retirando-a do Parlamento, afetando, assim, ao mesmo tempo, a Família, a Escola, a Religião etc.

Se, então, nessa fase da luta de classes, que constitui a revolução proletária, a transformação comunista das relações de produção capitalistas triunfa sobre sua produção, é inevitável que o "corpo social" se encontre aí ideologicamente afetado, exceto por substituições e inversões, instalando uma nova Escola, uma nova Família, uma nova Igreja, um novo Tribunal etc., no lugar das antigas instituições.

A noção de desidentificação corresponde aos efeitos práticos desse processo de desregionalização ideológica. A marca da política proletária, na medida em que se realiza, passa, já que se trata da Família, da Escola, da Justiça etc., imediatamente, também, a ser uma outra coisa, que surge, infalivelmente, por um desvio ou uma aproximação de aparência frequentemente incongruente. Dito de outra forma, a localização das questões não é jamais *fixa* na política proletária, ela se desloca sem cessar pelos desvios de leis irrepresentáveis, segundo a cartografia do corpo social. É mesmo necessário demitir, inteiramente, essa metáfora biológica para compreender alguma coisa sobre esses deslocamentos, feitos de curtos-circuitos inesperados ou de aproximações chocantes. E é nesse sentido que

¹⁸ É o que visava a intervenção de B. Brecht no momento em que, em resposta ao levante do Leste de Berlim, em 1953, o comando soviético impôs o estado de sítio. Brecht observa ironicamente que se o governo encontrava dificuldades com o povo, bastava apenas "eleger um novo povo".

se pôde dizer: "Freud é para o governo do inconsciente o que Lênin é para o governo das massas, o instigador de uma política em falta com as certezas do Mestre e com o saber dos pedagogos"¹⁹, pois, o Mestre e o pedagogo, mesmo sob a etiqueta "proletária", são tomados nos trajetos ordenados da metáfora biológica do corpo social e se atolam, ao mesmo tempo, na rede das identificações e contraidentificações ideológicas.

A singularidade precária da política proletária tem uma ligação muito precisa com a ruptura prolongada dessa metáfora. O que se abre, assim, é exatamente o contrário de um trajeto traçado com uma linha, é o processo de uma "política de linha quebrada", que consiste em deixar se deslocar, sem parar, o campo das questões, portanto suportar a derrapagem na excentricidade de um lapso político ou no desvio de um trocadilho ideológico, *de maneira a, precisamente, chegar ao justo*. Certos aspectos da prática de Lênin e, também, da revolução cultural chinesa, parecem ter direta e explicitamente tocado esse ponto onde, através da desidentificação do eu-sujeito jurídico e da desregionalização da funcionalidade ideológica, o tecido plural das ideologias dominadas, legado e relegado pela história do Estado, de repente se põe a trabalhar na direção do não-Estado, com todos os efeitos que isso implica indiscernivelmente na luta política das massas e na singularidade dos destinos individuais.

Essa figura vacilante, que surge de tempos em tempos no processo das revoluções socialistas, estando aí incessantemente recoberta, poderia muito bem ser o que especifica a interpelação ideológica proletária, o modo contraditório pelo qual ela sela o destino dos indivíduos na luta de classes.

Dizer que a interpelação proletária opera com a contradição, é dizer que os indivíduos são aí tomados no próprio interior da contradição que os atravessa, fora de toda identificação com um impossível eu-sujeito proletário. Mas, é dizer também que esse processo, propriamente dito, não conhece fim, já que ele é forçado a recomeçar indefinidamente do ponto exato onde parece se concluir. Ele não existe, e não poderia existir interpelação proletária "pura", porque a contradição não cessa de se recobrir, tentando precisamente realizar esse impossível. No momento exato em que ele vai se realizar em "mestre de si mesmo como do universo", o eu-sujeito proletário se re-identifica com o trajeto autopedagógico imóvel nessa espécie de não-pensamento sonâmbulo, reflexo da impotência prática que gagueja baixinho ou grita em altos brados o fio condutor eterno do idealismo: "este que não me preocupa, este do qual eu não falo, este em quem eu não penso, não existe!"

19

Roudinesco, E. Pour une politique de la psychanalyse. Paris: Maspero, 1977, p. 63.

Face a esse recobrimento, que não termina de afetar de mil maneiras o movimento revolucionário, a tendência des-identificadora da ideologia proletária não cessa de interpelar os indivíduos em sujeitos num único e mesmo processo material, caracterizado pelo duplo fato de que "há revolta" e que "isso pensa", o que reverbera na dupla palavra de ordem da prática comunista: "ousar se revoltar" e "ousar pensar por si mesmo".